

O complexo paterno e as filhas

Viviane Lemes da Rosa¹

¹Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR, Brasil.

Resumo

Este estudo objetivou compreender os efeitos dos complexos paternos sobre as filhas, ante sua importância para os processos de análise e individuação, por meio de uma pesquisa documental bibliográfica sobre a teoria dos complexos de Jung. Concluiu-se que a psique das filhas é impactada pelos complexos paternos originalmente positivos e negativos, complexos do pai (concreto ou projetado), arquétipo de pai (que também afeta seu *animus*), relação concreta com pai e mãe (ou sua ausência) e tipo psicológico. Essa multiplicidade de fatores combinados de diferentes formas veda categorizações taxativas quanto aos efeitos dos complexos paternos sobre as filhas, mas permite concluir que a compreensão de todos esses fenômenos é essencial para o processo de individuação.

Descritores: psicologia junguiana, complexo paterno, filhas.

The Paternal Complex and Daughters

Abstract

This study aimed to understand the effects of paternal complexes on daughters, given their importance for the processes of analysis and individuation, through a bibliographical documentary research on Jung's theory of complexes. It concluded that the psyche of daughters is impacted by originally positive and negative paternal complexes, father complexes (concrete or projected), the father archetype (which also affects their *animus*), the concrete relationship with father and mother (or their absence), and

Conflitos de interesses:

A autora declara não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.



Recebido: 25 ago 2025; Última revisão: 03 mar 2026; Aprovado: 28 abr 2026; Aprovado para publicação: 31 ago 2026.

psychological type. This multiplicity of factors combined in different ways prevents definitive categorizations regarding the effects of paternal complexes on daughters, but allows us to conclude that understanding all these phenomena is essential for the individuation process.

Descriptors: Jungian psychology, paternal complex, daughters.

El complejo paterno y las hijas

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo comprender los efectos de los complejos paternos en las hijas, dada su importancia para los procesos de análisis e individuación, mediante una investigación documental bibliográfica sobre la teoría de los complejos de Jung. Se concluyó que la psique de las hijas se ve afectada por complejos paternos, tanto positivos como negativos, complejos paternos (concretos o proyectados), el arquetipo paterno (que también influye en su animus), la relación concreta con el padre y la madre (o su ausencia), y el tipo psicológico. Esta multiplicidad de factores combinados de diferentes maneras impide establecer categorizaciones definitivas respecto a los efectos de los complejos paternos en las hijas, pero permite concluir que comprender todos estos fenómenos es esencial para el proceso de individuación.

Descritores: psicología junguiana; complejo paterno; hijas.

Introdução

Na psicologia analítica, os complexos são emaranhados de energia psíquica carregados de emoção, que normalmente afetam as pessoas de forma dolorosa e impactante, podendo ocasionar sofrimento psíquico. Dentre outros, Jung identificou os complexos paternos e maternos, negativos e positivos, com diferentes efeitos sobre filhos e filhas.

Por método de abordagem hipotético-dedutivo e técnica de pesquisa documental bibliográfica, a partir de Jung e dos pós-junguianos, analisamos os efeitos dos complexos paternos sobre as filhas, visando a responder o seguinte problema: quais os efeitos dos complexos paternos sobre a psique das filhas?

A hipótese é que existem diferentes arranjos (pessoais e coletivos) atinentes aos complexos paternos que afetam as filhas de formas diversas em vários campos da vida: nos relacionamentos, na profissão, nas relações familiares, na maternidade etc.

A importância do estudo reside na possibilidade de pautar os processos de análise e auxiliar as filhas a compreenderem e a lidarem com os atravessamentos do inconsciente, desenvolvendo seu processo de individuação.

O complexo paterno originalmente positivo e as filhas

Embora o termo “complexo” tenha sido empregado anteriormente na literatura científica, inclusive por Freud e Bleuler, a definição de complexo enquanto “grupos de representações acentuadas por afetos como fatores específicos de perturbação do curso psíquico normal” foi cunhada por Jung, a partir dos testes de associação de palavras empregados na Clínica Psiquiátrica Burghölzli, da Universidade de Zurique (Jacobi, 1957/2016).

Os complexos são centros energéticos – pontos nodais de carga energética (Jacobi, 1957/2016) – que podem estimular ou perturbar a vida psíquica, dependendo da natureza dos materiais pessoais de associação e da capacidade do ego para assimilá-los. São normalmente caracterizados por uma forte carga emocional, uma “emocionalidade especial”, que nos determina em detrimento da objetividade (Kast, 1994/2022, p. 18).

Assim, os complexos podem ser entendidos como centros energéticos geradores de fortes cargas emocionais, que comumente redundam em manifestações explosivas. Nesse sentido, as pessoas são tomadas pelo complexo, o que levou Jung (1928/2014, p. 43, para. 200) a dizer que não temos complexos, são eles que nos têm. Apesar disso, o complexo não pode e nem deveria ser evitado: segundo Jung, um complexo “só é realmente superado quando a vida o esgota até o fim” (Jung, 1959/2016, p. 113, para. 184), de modo que é preciso reconhecê-lo e vivê-lo, trazê-lo à consciência para o diálogo.

Os complexos encontram-se no inconsciente pessoal e aparecem por meio da sombra, mas seu núcleo é arquetípico: o complexo paterno relaciona-se com o arquétipo do pai. Disto se extrai que os complexos paternos congregam elementos do inconsciente pessoal e do inconsciente coletivo.

Os efeitos dos complexos paternos sobre as filhas dependem das disposições inatas da psique (como o seu tipo psicológico) e de fatores ambientais, históricos e sociais. As pessoas apresentam complexos paternos e maternos que impactam uns aos outros, e os complexos dos pais afetam as filhas.

Um complexo materno/paterno pode ser originalmente positivo ou negativo: situações da vida e elementos arquetípicos podem traçar uma imagem inicialmente positiva ou negativa sobre a

psique da pessoa. Os complexos são originalmente positivos, na medida em que surtem um efeito positivo sobre o desenvolvimento pessoal, em caso de desligamento na idade apropriada (Kast, 1994/2022). São exemplos de situações positivas o genitor amoroso, preocupado, que estipula limites etc.

Para que possam obter com outras pessoas aquilo que está ausente na relação com o pai e a mãe, as filhas necessitam de uma força do eu que demanda o desligamento dos complexos materno e paterno. Se esse desligamento não acontece, o eu não adquire força para se estruturar como deveria e os complexos continuam a afetar o funcionamento da pessoa, gerando uma fixação com efeitos negativos sobre a filha (Kast, 1994/2022).

Neumann (1994/2000) explica que a invasão do *uroborus* paterno faz com que a filha seja tomada por uma profunda emoção pelo masculino e supere o estágio de conservação do *Self*, chegando a uma nova fase de sua experiência: a entrega do *Self*. Todavia, há efeitos negativos, se permanecer presa nesse estágio: torna-se a filha do pai eterno, uma mulher adulta atada ao espírito do pai-fascinante; vive como a *anima* do homem, sua inspiradora, sem direito à vida pessoal; é Sofia, a parceira do Espírito-Pai, e pode perder o relacionamento físico com sua feminilidade.

A partir disso, podemos compreender os complexos paternos positivos como pontos originalmente positivos da relação pai-filha, que necessariamente demandam uma ruptura na idade adequada para o desenvolvimento saudável da personalidade e do complexo do eu.

O arquétipo do pai

Se o arquétipo é uma potencialidade inata de comportamento e o ser humano reage arquetipicamente diante de uma situação típica e recorrente (Guggenbühl-Craig, 1971/2008), a reação arquetípica entre pai e filha não será diferente, assim, tanto o pai concreto quanto o arquétipo do pai exercem um papel na cunhagem do complexo paterno.

Samuels (1985) explica que o pai não é apenas um pai biográfico, uma pessoa concreta, mas um arquétipo que afeta a psique da filha, principalmente de quatro formas: na autoridade pessoal e social, na evolução de valores e ideais, no desenvolvimento sexual e de gênero e por meio de um papel social e cultural. Tanto o *animus*-pai é afetado pelas projeções das características do pai concreto da filha, quanto o *animus* arquetípico é projetado pela filha no pai. De mesmo modo, o pai também projeta a *anima* na filha (Samuels, 1985).

A sociedade patriarcal, ao menos desde a destruição das religiões de culto à deusa (George, 2021; Bolen, 1992/2020), afetou várias gerações humanas e impactou o arquétipo de pai no inconsciente coletivo, pois "o patriarcado substituiu a adoração da Mãe Terra pela do Pai Celeste" (Hollis, 1994, p. 110). Uma mesma configuração cultural de pai, ao longo de tantos séculos, acabou por influenciar o arquétipo do pai, moldado por essa herança que instalou no inconsciente coletivo.

O machismo estrutural afetou a visão de "pai" em nível coletivo, no mundo todo. Como explica Bolen (1992/2020), na cultura, assim como na psique, um arquétipo pode dominar uma época e subjugar ou assumir o controle de uma personalidade. Nessa linha, o arquétipo do pai vem subjugando pais, mães e filhas inconscientemente ao longo da história, influenciando suas ações, histórias, relações e a sociedade. Um exemplo disso é o fato de que as mulheres, que vivem há séculos numa cultura masculina, a partir dos valores masculinos, podem permanecer inconscientes do princípio feminino (Woodman, 1980).

O arquétipo do pai está amplamente presente nas mitologias. A título de exemplo, como explica Kast (1994/2022), vislumbra-se o pai arquetípico no herói idealizado pelo patriarcado, refletido em (i) Zeus: domínio sobre a vida consciente; não é isento de emoções, mas dá vazão a elas, eventualmente; ordem patriarcal, estrutura de vida e *ethos*; espírito livre e autêntico, principalmente na sexualidade; (ii) Odin/Wotan: sabedoria; deus da guerra, mas dela não participa; vínculo com a ira extática; vaga pelo mundo para restabelecer a ordem, mas não é imortal; e (iii) Deus-pai: complexo paterno originalmente positivo.

Os mitos sobre Zeus e os olímpicos são "histórias de família", que lançam luz sobre a genealogia patriarcal e sua influência na vida concreta das pessoas, de modo que os diferentes mitos e suas diversas configurações denotam as possibilidades dos complexos paternos em vidas concretas, em numa sociedade estruturada sobre o patriarcalismo (Bolen, 1989/2002).

No mito de Crono, a relação entre Crono e Zeus denota a dinâmica *senex-puer* e o complexo paterno ligado ao arquétipo do pai: "Crono pode ser constelado como o complexo paterno negativo no aspecto do pai rígido, que mais cerceia, critica e recrimina do que cuida e nutre propriamente, como poderíamos identificar em Zeus", o que implica a falta "dos aspectos luminosos do Puer, da força criativa, da alegria, da leveza, da flexibilidade necessária para acolher as diversas manifestações da vida" (Contrera, 2015, p. 320).

Esse mito é importante porque demonstra como surgem "pais Zeus", pais com complexo paterno que, frequentemente, afetam

suas próprias “filhas Atenas”, que podem crescer distanciadas do seu feminino. Em tal sentido, Contrera (2015) afirma que Crono influencia a filha, que tende a apresentar rigidez de opinião, atitude inflexível, síndrome de “dona da verdade” e frieza. De modo semelhante, a relação Crono-Saturno envolve poder, ciúme e insegurança, além de violência em relação ao amor, à geração e à terra, estes últimos, elementos associados ao feminino. E “como Jung comentou certa vez, na presença do poder o amor nunca está presente” (Hollis, 1994, p. 14).

Urano, Cronos e Zeus são “pais devoradores”, que defendem suas posições de diferentes formas: (i) Urano: aprisiona os filhos no ventre da mãe Gaia e assim os mantém inconscientes, atados à mãe e pautados pela tradição, pela matéria, pelo cotidiano; (ii) Cronos: engole os filhos e os mantém psicologizados/espiritualizados de forma apartada de suas origens instintivas, em sintonia com valores/attitudes predominantes em um coletivo externo (religião, partido político, seita etc.); e (iii) Zeus: embora a consciência alcance um grau de flexibilidade maior, acomodando dinamismos, o *senex* termina vencedor na manutenção do poder, ao cancelar a possibilidade de mudança revolucionária – quando esta surge por meio de Atenas, sua mãe é engolida por Zeus para que a criança nasça de si, fiel ao seu reinado (Stein, 1991/1998).

O arquétipo de pai transmutou-se por meio do machismo estrutural no arquétipo do pai autoritário. Não é um pai amoroso, mas controlador e cujo “amor” comumente reflete liderança e poder. Institucionalmente, o pai autoritário ocupa o topo da hierarquia e designa-se por figuras de poder como o rei, o papa, o general, o presidente, entre outras (Bolen, 1992/2020). O arquétipo do pai é contraditório: o pai dá vida, luz, energia, mas também pode praguejar, intimidar e oprimir. Se a experiência é positiva, há apoio, força, energia e segurança; se é negativa, a psique é esmagada (Hollis, 1994).

A relação entre os familiares e o pai autoritário é altamente afetada pelo arquétipo do pai e pela estrutura patriarcal da sociedade. A relação entre o complexo paterno e o poder é muito próxima devido, justamente, à estruturação patriarcal da sociedade, que associa masculino e poder, contrapostos a feminino e amor. Nada de bom vem disso. Nesse *locus*, voltado para o comando, controle e poder, o pai exerce um papel central e superior aos demais membros da família, detendo os trunfos da palavra final e da proeminência. Essa dinâmica de poder afeta a psique de todos os envolvidos.

A ruptura do complexo paterno na idade adequada pela filha vai na contramão da perpetuação do poder do pai imposto pela sociedade patriarcal. Como explica Guggenbühl-Craig

(1971/2008), o desenvolvimento psicológico impõe uma fase de negação e destruição do poder, para que o adulto possa abrir espaço ao cultivo de valores próprios. Todavia, tal como acontece no abuso de poder na relação entre médico e paciente retratada pelo autor (Guggenbühl-Craig (1971/2008), o abuso de poder na relação entre pai e filha e a dominação da filha pelo pai furta desta a possibilidade de crescimento.

O arquétipo do pai enrijece a criatividade, a expressão de sentimentos, a paixão e a espontaneidade das pessoas sob a sua influência, pois tais experiências demandam um afrouxamento do controle que é incompatível com a autoridade desse arquétipo em culturas patriarcais. O pai autoritário detém a última palavra e assim inibe o florescimento da psique da família sob seu comando, oprimindo qualidades igualitárias como verdade, liberdade, compaixão e sabedoria (Bolen, 1992/2020). Esse arquétipo pertence ao inconsciente coletivo e, como tal, pode atravessar qualquer pessoa, e é impactado pela experiência concreta com os complexos paternos.

Em outras oportunidades, Bolen (1984/1990; 1992/2002) trabalhou as influências dos arquétipos a partir da mitologia, na forma dos deuses gregos, a fim de demonstrar, por meio de padrões arquetípicos que recaem sobre nossas vidas concretas, o que pode ser influente, doloroso, motivador, compulsivo. A autora tratou de inúmeros aspectos das relações e dinâmicas (conscientes e inconscientes) entre pai e filha, notadamente quando explica a relação entre Zeus e Atenas, a “filha do pai”, a filha sem mãe – pois a mãe Métis foi engolida por Zeus e Atenas nasce da cabeça deste –, a protetora dos heróis e defensora do patriarcado, com fortes tendências ao machismo e à repressão do feminino (Bolen, 1984/1990).

O mesmo não acontece com Ártemis, a filha que se emancipa do pai autoritário. Abandonada pelo pai, no mito, Atalanta é criada pela urso – em outra versão, foi criada por caçadores que, orgulhosa e afetivamente, a ensinam a caçar e a ser independente – e torna-se livre em seu potencial. Ao reencontrar o pai, este lhe impõe a obrigação patriarcal do casamento e, para agradá-lo, Atalanta submete-se a um torneio para a escolha de um marido com habilidades para vencê-la. Ao fim, ela mesma escolhe com quem se relacionar. Em comparação com o mito de Atenas, nos mitos de Ártemis/Atalanta resta claro o diferencial do papel materno na autoestima da filha e na configuração do complexo paterno, pois não há negação e repressão do feminino, como ocorre com Atenas.

Os deuses olímpicos guardam características comuns de autoritarismo enquanto pais, o que vai na contramão dos cultos à

deusa: são autoritários; vivem no distanciamento por altura do céu ou das montanhas, governando de longe e do alto; nas suas prerrogativas, têm o direito e efetivamente fazem o que querem; esperam e cobram obediência; e, como guerreiros, assumem o poder pela violência. Apesar disso tudo, sentem medo de serem destronados pelos filhos, motivo pelo qual agem com hostilidade (Bolen, 1989/2002). Isso ilustra como as dores do pai refletem e geram dores nas filhas. Assim, para a filha, o caminho do *Self* perpassa por compreender o pai como uma pessoa com defeitos e qualidades, em algum momento idealizá-lo para, depois, reconhecer suas limitações humanas (Leonard, 1991/1998) e lidar com elas.

Na mitologia, a estrutura patriarcal de sociedade afeta o arquétipo de pai de duas formas mais comuns: (i) masculino excessivo: filhas idealizam, tornando-se Atenas a serviço de Zeus; (ii) feminino excessivo: filhas tornam-se Corés frágeis, abandonadas pelo pai e protegidas do masculino pela mãe. Ou a mulher se identifica com os aspectos inferiores do masculino e do patriarcado que caracterizam a posição que lhe é reservada nessa cultura, ou se identifica com o dinamismo patriarcal e se deixa dominar pelo *animus* cultural patriarcal, sacrificando sua feminilidade para se assemelhar ao homem (Lima Filho, 2002).

Mesmo quando o pai não se identifica com as figuras de devorador/dominador ou ausente/infantilizado, a sociedade o empurra para essas direções, ao impor modelos de masculinidade e ao ser condescendente com condutas correlatas. Mas a estrutura inconsciente que envolve o arquétipo de pai na sociedade patriarcal pode ser fragilizada, quando o próprio pai toma consciência desses conteúdos inconscientes e decide deliberadamente traçar um caminho diverso, de afeto e de respeito pela filha. O sistema patriarcal atrofia o feminino, inibe e coloca em risco o desenvolvimento psicológico das mulheres. A compreensão do cenário – com a mudança do sistema patriarcal – e das pessoas é o caminho necessário para a cura de filhas feridas.

O *animus* e o pai

Jung denomina de *animus* a contraparte sexual da mulher. O tema é anterior ao desenvolvimento dos principais estudos de gênero, motivo pelo qual hoje é preciso observar a figura do *animus* a partir de gênero enquanto identidade e construção social, assim, o *animus* da pessoa será então o oposto sexual de sua identidade egóica de gênero, um oposto preferencial, uma preferência sexual representada por imagens arquetípicas.

O *animus* é uma figura arquetípica que existe na psique da filha como contraparte sexual, a preferência sexual em nível psicológico, que é projetada na escolha dos parceiros de maneira inconsciente. Em sonhos, mitos e contos, normalmente assume a forma de "animais, selvagens, demônios, príncipes, criminosos, heróis, feiticeiros, artistas, homens brutos e requintados" (Silveira, 1968/2023, p. 111). Nos sonhos, comumente é representado como amante, velho sábio ou *trickster*.

Silveira (1968/2023) explica que o *animus* contempla todas as experiências da mulher em encontro com o homem na história, motivo pelo qual a imagem do homem que a mulher procura é modelada a partir desse material inconsciente. Isso quer dizer que a mulher busca em seus parceiros a imagem de homem herdada do inconsciente. Se esse homem é histórica e culturalmente desenhado com certas características, isso explica por que as mulheres esperam que os homens reais apresentem as mesmas características e são tomadas por surpresa, quando não as possuem.

O primeiro receptáculo do *animus* – ou seja, o primeiro objeto de projeção – é o pai, idealizado aos olhos da filha. Depois, essa projeção transfere-se para outras figuras que cumprem papel análogo na história da filha, no gênero de preferência: o mestre, o ator de cinema, o líder político (Silveira, 1968/2023).

Essa transferência é originalmente saudável e, inclusive, necessária para que a filha veja valor em diferentes formatos de homem. Por óbvio que, se a quebra do complexo paterno não acontece, a filha projetará no *animus* a imagem do pai (*animus-pai*). Ele é então afetado pela figura do pai, tanto o arquétipo de pai quanto o pai pessoal ou projetado da filha; a filha, por sua vez, projeta esse *animus* nas pessoas com quem se relaciona amorosamente.

A formação da imagem do *animus* é afetada pelo complexo paterno da filha, pois este impacta suas atitudes e formas de pensar e de se relacionar com os homens e com o seu próprio gênero. O complexo paterno pode legitimar ou não a identidade feminina da filha, ocasionando uma supressão do feminino e uma identificação com o masculino (Chagas & Campos, 2000).

A imagem do *animus* é moldada pelo pai arquetípico, o que, posteriormente, afetará os relacionamentos amorosos da filha, porque essas projeções continuarão a ser realizadas, influenciadas também pelo pai concreto da filha e pelos complexos paternos. Por sua vez, o próprio pai é afetado pela cultura patriarcal, pela *anima* e por seus próprios complexos paternos e maternos. Nesse cenário, não há como analisar os efeitos dos complexos paternos sobre as filhas de forma estanque ou sistematizada, pois há muitas

variáveis de natureza social e psicológica (nos âmbitos consciente e inconsciente, pessoal e coletivo) que impactam as relações.

O pai infantilizado e com “problemas de *anima*” relaciona-se de modo problemático com a filha. Dessa forma, a cultura patriarcal acaba por impactar as várias relações entre pai e filha: o relacionamento pessoal; o relacionamento de cada um deles com o inconsciente; o relacionamento da *anima* e do *animus* com as complicações da sombra; o relacionamento da *anima* do pai com a filha; e o relacionamento do *animus* da filha com o pai (Woodman, 1980).

Personificação masculina do inconsciente na mulher, o *animus* congrega aspectos positivos e negativos. Em se tratando do masculino na psique, *animus* e complexo paterno ficam indiferenciados, tornando-se um único complexo como forma de expressão/comunicação da filha com o mundo (Chagas & Campos, 2000, p. 86). Se há um complexo paterno negativo, o *animus* será negativo.

O *animus*-pai também pode aparecer como pretensão de conhecer todas as respostas, a reprodução do conhecimento tradicional do passado, o poder como instinto de autopreservação do indivíduo, que é contraditório ao amor (von Franz, 1970/1992). Ele se torna o pensamento negativo na cabeça da mulher, ou o sentimento de culpa, e pode gerar más escolhas em relacionamentos.

A mulher está inconscientemente subordinada aos domínios dos seus componentes masculinos (*animus*), que comandam seus relacionamentos no mundo exterior. Considerando que o processo de individuação envolve enfrentar esse *animus* em algum momento, a evolução da filha dependerá da reorganização do *animus* como um inestimável mediador entre os conteúdos conscientes e inconscientes, abrindo portas para uma vida espiritual. Estar inconsciente do *animus* significa ter o ego (consciência) subjugado por ele (Johnson, 1976/1996) e não fazer escolhas conscientes.

O *animus* impacta o masculino e o feminino na mulher e isso explica por que o complexo paterno, que o afeta, acaba por desregular o equilíbrio desses princípios na filha. O homem buscado refletirá o masculino interno (o *animus*) e “as escolhas serão feitas inconscientemente, de homens que possam atender às necessidades desse complexo, quer por identificação ou compensação” (Chagas & Campos, 2000, p. 87). Isso explica por que algumas mulheres escolhem, ao longo de todas as suas vidas, parceiros com uma mesma característica, normalmente atinente ao *animus*-pai.

Todavia, o *animus* possui a importante missão de mediar a relação entre o inconsciente e o consciente e apresenta aspectos positivos e essenciais para o processo de individuação da filha. O processo de individuação da mulher envolve necessariamente uma transformação do *animus* e do masculino, desidentificando-se deste para poder se unir amorosamente a ele pela *coniunctio*, sem perder sua identidade e o eu feminino. A aceitação do *animus* e do feminino permitirão identificar e compreender a voz interna crítica do *animus* e o desenvolvimento de relacionamentos com menos projeção, buscando um companheiro e não a compensação/confirmação de inferioridades (Chagas & Campos, 2000).

De outro lado, se o *animus* é integrado pelo consciente, torna-se um mediador entre o consciente e o inconsciente e proporciona a capacidade de reflexão e autoconhecimento (Souza, 2012). Na busca do *Self*, a filha deve olhar para dentro de si e realizar reflexões pessoais e coletivas que abrem feridas e revelam estragos e padrões, porém, com isso, também criam a oportunidade para a transformação (Schwartz, 2021/2023).

O complexo paterno negativo e as filhas

Em sua completude, concreta e psicológica, consciente e inconsciente, com seus complexos, *anima*, sombra e ações, o pai afeta as filhas. O complexo paterno, que deveria ser positivo, pode ser negativo para o desenvolvimento da personalidade da filha de duas formas: (i) sendo originalmente positivo e, nesse caso, não ocorre o desligamento na idade apropriada; ou (ii) sendo propriamente negativo, o que comumente acontece em casos de abandono psicológico e concreto e de violências psicológicas, físicas, sexuais e/ou simbólicas, perpetrados por um pai “terrível” (Lima Filho, 2002).

Em razão das peculiaridades da natureza pessoal, as filhas vivem relações diversas com o complexo, mas em caso de abandono do pai, é comum que busquem “preencher o vazio deixado pela ausência de afeto dado pelo pai através dos relacionamentos ulteriores, tendo em relação ao homem uma expectativa exacerbada” (Chagas & Campos, 2000, p. 86-87). Esse abandono reflete no *animus* e é também impactado pelo modelo materno e seus próprios complexos.

A falta de envolvimento genuíno do pai na vida da filha pode prejudicar o seu senso de identidade, levando a uma atitude de perfeccionismo ou a uma paralisia diante da vida. Um pai ausente, indiferente ou que tenha desinteresse, desapontamento e

desaprovação é tão prejudicial à filha quanto o julgamento negativo ou a superproteção (Murdock, 1990/2013).

Schwartz (2021/2023) cita uma série de consequências para a filha, decorrentes da ausência do pai. A filha de pai ausente associa a imagem do pai a “anseio, tristeza, amor frustrado, raiva, fúria, opressão e desejo”. Ainda, a ausência do pai causa angústia e decepção; e gera uma “autoimagem inadequada, infantil e diligente” ou uma atitude ambivalente em relação à vida, irritada e deprimida; gera também atitudes masoquistas e sem amor, voltadas para si mesma e para as outras pessoas; confusão e negação de autonomia; ódio e distância de outros homens; dificuldade de acessar o masculino e o feminino dentro de si. Mais, mata a criatividade e a vitalidade; causa depressão, ansiedade e relações conturbadas; rejeição das próprias necessidades. Também a filha do pai ausente torna-se estática e recusa paixão, amor, sentimento, emoção, existência e, diante da ausência, internaliza frustração e raiva e impulsos destrutivos.

As filhas tentam chamar a atenção dos pais, e como eles reagem a isso é muito importante para a sexualidade delas: se tentam se sobressair em atividades intelectivas ou atléticas, por exemplo, e são ridicularizadas, elas buscam se sobressair nos relacionamentos para adentrar o mundo masculino (Murdock, 2013).

Nesse sentido, Kast (1994/2022) parte dos casos clínicos de Karin e Hellen para demonstrar como o complexo paterno negativo manifesta-se em diferentes áreas na vida da mulher. Para Hellen, o complexo paterno age sobre a aparência, ela deseja agradar ao pai, porém, nada que faz a torna “uma mulher de verdade”, segundo os conceitos do pai, nem suplanta a sua expressão de desagrado. Isso acabou afetando sua relação com parceiros.

Para Karin, o complexo paterno influenciou o âmbito profissional, ela deseja desesperadamente o orgulho do pai e esse anseio por reconhecimento desembocou no desempenho na vida profissional. Na tentativa de satisfazer as duras exigências paternas e seu sentimento de insuficiência, sofre uma autocritica anormal e passa a exigir altos padrões dos demais e a avaliar criticamente ações. Solitária emocionalmente, não tem sensação de pertencimento, sente-se excluída e, em paralelo, não tem tempo para cultivar relações. Há um afastamento e uma não identificação com a mãe. Provavelmente, seu pai apresentava um complexo paterno.

A filha com complexo paterno negativo, que foca a vida profissional, tende a ser vista pelos outros como fria, egoísta, desumana, um robô desprovido de sentimentos:

sua figura masculina interior não é um homem com coração, mas um tirano ganancioso que nunca desiste. Nada que ela faça é suficiente; ele a impulsiona "mais, melhor, mais rápido", sem reconhecer seus anseios de ser amada, de se sentir satisfeita ou mesmo de descansar (Murdock, 1990/2013, p. 85).

Esses pais negam às filhas a vivência da relação pai e filha, do "nós", fazendo com que vivam em função de suas próprias necessidades; quanto mais explícita é essa negativa, mais fácil sua visualização e compreensão pela filha. No entanto, a negativa pode ser menos visível, mais sutil e, nesses casos, as filhas podem viver a vida toda na posição de filhas, sem serem levadas a sério de verdade pelos pais (Kast, 1994/2022).

Bolen (1992/2020) explica que o exercício de poder dos pais sobre as filhas mascara um sentimento de inferioridade e afeta gerações familiares por anos, com a perpetuação dos impactos entre complexos de pais sobre filhos. A prova de desempenho exigida das filhas é extremamente cruel porque impacta a sua noção do direito de existir a partir do desempenho (Kast, 1994/2022). Isso faz com que a filha cresça avaliando o próprio valor a partir do desempenho, da produtividade, da entrega e da utilidade para as outras pessoas. Em dado momento, que comumente ocorre na metanoia, essa dinâmica do desempenho entra em crise com a exaustão e o sentimento de solidão e insuficiência da filha.

A projeção entre pai e filha é uma via de mão dupla: pai projeta em filha, que também projeta em pai. Ao tempo em que as ações do pai repercutem sobre as filhas, há também as projeções das filhas sobre os pais, que precisam ser trabalhadas. O sentimento da filha em relação ao pai tem que ser pensado e compreendido. A filha de pai autoritário necessita ter ideias realistas e conhecer os limites pessoais e da situação, pois a voz construtiva pode ser ouvida com objetividade e não é crítica/severa ou condescendente demais. A filha com relação "positiva demais" precisa parar de idealizar o pai, de modo que se ofusque e não consiga ver o próprio valor/contribuição ao mundo (Leonard, 1991/1998).

Percebe-se que a problemática do complexo paterno afeta a vida das filhas nos mais diversos campos, profissional, acadêmico, familiar, social etc., porque impacta a própria formação de sua personalidade, o que repercutirá ao longo de toda a sua vida. Embora tais complexos sejam incuráveis e retornem de tempos em tempos, o trabalho de conscientização e compreensão, com ações práticas orientadas por meio da análise, é a melhor forma de lidar com eles. Para essas filhas, compreender e trabalhar o

complexo paterno é essencial enquanto projeto de vida, em seu processo de individuação rumo ao Self.

Conclusões

A pesquisa documental bibliográfica desenvolvida aqui confirmou a hipótese inicial de que os complexos paternos afetam as filhas de formas diversas, diante do arranjo pessoal e coletivo, e nos mais variados campos da vida, relacionamentos amorosos, vida profissional, relações familiares e sociais, entre outros.

Identificou-se cinco características nos complexos: (i) perpetuidade (incuráveis); (ii) influência tripartite (afetados pelos inconscientes pessoal e coletivo e pelas vivências); (iii) desenquadramento (múltiplas possibilidades); (iv) afetividade (cargas emocionais); e (v) composição variada (complexos se impactam mutuamente).

A estrutura patriarcal da sociedade influencia os complexos no nível coletivo há muito tempo, porém, não é propriamente uma característica dos complexos e sim da sociedade.

A relação com o pai – ou a ausência – afeta profundamente a psique da filha, gerando complexos paternos, que podem ser originalmente positivos ou negativos para o desenvolvimento da personalidade. O complexo paterno das filhas é afetado pela consciência e pelos inconscientes pessoal e coletivo, pelo arquétipo do pai, pelas relações com seu pai e mãe pessoais ou projetados, por elementos que compõem o inconsciente do pai e da filha, tais como *anima* e *animus* e os complexos maternos e paternos, e pelos tipos psicológicos que pautam o modo de apreensão pela consciência.

Essa multiplicidade de fatores, que podem estar presentes ou não, em maior ou menor escala e em diferentes contextos de vida concreta de filhas com diversos tipos psicológicos, implica a impossibilidade de categorizações taxativas no que concerne aos efeitos dos complexos paternos sobre as filhas. Em síntese, as múltiplas combinações dos elementos diversificados da totalidade psíquica vedam a taxatividade.

Todavia, a análise empírica de casos clínicos e de materiais bibliográficos ao longo dos anos, por Jung e pelos pós-junguianos, possibilitou algumas conclusões: (i) os complexos paternos da filha afetam a projeção do *animus* em relacionamentos amorosos; (ii) a integração do *animus* compõe o processo de individuação da filha; (iii) o arquétipo do pai impacta a vida das filhas como um todo, vez que a estrutura patriarcal da sociedade impõe papéis sociais e de gênero, que afetam o desenvolvimento e a felicidade

de todas as pessoas; (iv) complexos paternos originalmente positivos podem se tornar negativos, se não houver ruptura em momento adequado; (v) e, por fim, complexos paternos negativos prejudicam o desenvolvimento da personalidade e a formação do complexo do eu, afetando diferentes campos e implicando feridas que precisarão ser trabalhadas no processo de individuação.

Referências

- Bolen, J. S. (1990). *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. (Trabalho original publicado em 1984).
- Bolen, J. S. (2002). *Os deuses e o homem: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos*. Paulus. (Trabalho original publicado em 1989).
- Bolen, J. S. (2020). *O anel do poder: a criança abandonada, o pai autoritário e o feminino subjugado*. Cultrix. (Trabalho original publicado em 1992).
- Chagas, M. I. O., & Campos, T. C. P. (2000). O complexo paterno na psique feminina e a sua influência nos relacionamentos heterossexuais numa perspectiva da psicologia analítica. *Boletim de Iniciação Científica em Psicologia*, 1(1), 79-89.
- Contrera, M. S. (2015). Crono e o complexo paterno. *REU*, 41(2), 313-325. Recuperado em 14 de agosto de 2026, de <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2431>.
- George, D. (2021). *Mistério da lua negra: Lilith, Kali, Hécate e a cura dos arquétipos femininos sombrios no mundo moderno*. Cultrix.
- Guggenbühl-Craig, A. (2008). *O abuso do poder na psicoterapia: e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério* (2a ed.). Paulus. (Trabalho original publicado em 1971).
- Hollis, J. (1994). *Sob a sombra de Saturno: a ferida e a cura dos homens*. Paulus.
- Jacobi, J. (2016). *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1957).
- Johnson, R. A. (1996). *She: a chave do entendimento da psicologia feminina*. Mercurio. (Trabalho original publicado em 1976).
- Jung, C. G. (2014). *A energia psíquica* (OC, Vol. 8/1). Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Jung, C. G. (2016). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (OC, Vol. 9/1). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1959).
- Kast, V. (2022). *Filhas de pai, filhos de mãe: complexos materno e paterno e caminhos para a identidade própria*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1994).
- Leonard, L. S. (1998). A redenção do pai. In C. Downing (Org.), *Espelhos do Self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida* (10a ed.). Cultrix. (Trabalho original publicado em 1991).

- Lima Filho, A. P. (2002). *O pai e a psique*. Paulus.
- Murdock, M. (2013). *A jornada da heroína*. Shambala. (Trabalho original publicado em 1990).
- Neumann, E. (2000). *O medo do feminino: e outros ensaios sobre a psicologia feminina*. Paulus. (Trabalho original publicado em 1994).
- Samuels, A. (1985). *The Father: contemporary jungian perspectives*. New York University Press.
- Schwartz, S. E. (2023). *O efeito da ausência do pai nas filhas: desejo paterno, ferida paterna*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 2021).
- Silveira, N. (2023). *Jung: vida e obra*. Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1968).
- Souza, K. O. J. (2012). O complexo paterno positivo na psique feminina. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 32(83), 313-330. Recuperado em 14 de agosto de 2026, de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94624915006>.
- Stein, M. (1998). O pai devorador. In C. Downing (Org.), *Espelhos do Self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida* (10a ed.). Cultrix. (Trabalho original publicado em 1991).
- Woodman, M. (1980). *A coruja era filha do padeiro: obesidade, anorexia nervosa e o feminino reprimido*. Cultrix.
- von Franz, M.-L. (1992). *Puer aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância*. Paulus. (Trabalho original publicado em 1970).

Minicurrículo:

Viviane Lemes da Rosa – Doutorado e mestrado em Direito pela Universidade Federal do Paraná – UFPR; especialização em Gestão Estratégica pela UFPR; especialização em Marketing pela Universidade de São Paulo – USP; especialização em Marketing Intelligence pela Universidade Nova de Lisboa. Formação em Psicologia Junguiana pelo Instituto Junguiano do Espírito Santo – IJEP e em Psicologia Analítica com Ênfase em Mitos, Contos e Artes pelo Instituto Freedom. E-mail: viviane.ldr@hotmail.com